



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0648/2019

Miriam Nekrycz nasceu em 1º de julho de 1932, na cidade de Luck, na fronteira da Polônia com Ucrânia. Milhares de judeus moravam nesta cidade. Em 1º de setembro de 1939 os exércitos alemães invadiram a Polônia. Quando a II Guerra Mundial começou, Miriam tinha 7 anos. Desde os primeiros dias da guerra, a cidade foi severamente bombardeada. A família fugiu várias vezes para cidades próximas, mas retornava quando podia. Porém, em 1941, novamente os aviões alemães começaram a despejar bombas incendiárias. Os incêndios tomaram proporções assustadoras; tudo estava em chamas. Para fugirem do inferno, as pessoas, apavoradas, carregando os filhos e pacotes, corriam enlouquecidas para procurar abrigo. Os aviões inimigos passavam em voo rasante e metralhavam os infelizes sem piedade. Em toda parte, jaziam mortos.

Famílias exaustas e famintas se arrastavam e a cada passo deparavam com cadáveres pelo chão. Miriam contava que seu pai cobria seus olhos para que não visse os mortos pelo caminho.

Nos primeiros dias da ocupação nazista, começaram as perseguições aos judeus. Imediatamente, os ucranianos formaram milícias voluntárias que cooperavam com os alemães. Nas ruas, os judeus eram espancados, suas barbas arrancadas ou cortadas com violência, e muitos foram torturados e mortos, sem motivo algum.

Os homens foram convocados para trabalhos forçados e quem transgredisse a ordem era sumariamente fuzilado. Seu pai e outros 3.000 judeus atenderam a ordem e nunca mais voltaram, desapareceram.

A pequena Miriam tornou-se responsável então em ajudar sua mãe a criar os filhos menores. Numa noite acordaram com gritos e batidas nas portas. Os nazistas expulsaram a família da casa, permitindo levar apenas poucos pertences. Se desobedecessem, seriam fuzilados. A casa foi lacrada e sua família começou a vagar à procura de abrigo e comida. Os alemães passaram a caçar os judeus e reuni-los para matá-los e jogá-los em valas comuns. Em 1942, Miriam, sua família, sua tia e filhos, assim como outros, fugiram para a floresta na ilusão que estariam protegidos. Cavaram um bunker com as mãos. Durante semanas, escondiam-se de dia e à noite, os pequenos saíam para encontrar alimentos. Sempre com medo de serem descobertos ou delatados. Até que um dia, Miriam ao voltar com alimentos para a família, ouviu gritos, choro e tiros. Escondeu-se até tudo ficar em silêncio. Aproximou-se do bunker e encontrou toda sua família morta. Voltou para a aldeia próxima e uma polonesa a acolheu. Miriam sobreviveu escondida até o final da guerra. As circunstâncias transformaram crianças em adultos, seres humanos em mártires; uma menina simples em heroína... Heroína que, para sobreviver, foi obrigada a professar outra fé, mas que conseguiu, após a libertação, voltar íntegra ao seu povo e dedicar-se, quando adulta, à transmissão dos valores e tradições judaicas aos seus alunos e, posteriormente, aos seus filhos.

Da Polônia, Miriam embarcou para Israel, porém o navio foi capturado pelos ingleses e enviado a Chipre. Ela viveu como refugiada em campo de concentração por 1 ano até conseguir finalmente chegar ao Brasil, passando a morar em São Paulo e lecionar em Santo André na escola judaica "Oswaldo Aranha".

Nas suas viagens diárias de trem conheceu seu marido, o escritor Bem Abraham, também sobrevivente e, juntos formaram uma família.

Miriam e Ben Abraham abraçaram a causa de transmitir a História do Holocausto, a fim de não permitir que atrocidades como esta acontecessem novamente. Foram incansáveis na

luta contra o ódio e discriminação. Não economizaram palavras para descrever o horror que passaram durante a guerra. Viajaram o mundo para proferir palestras e debates, visitaram inúmeras escolas e instituições e receberam condecorações. e homenagens. Infelizmente em 2000 seu filho, Jacques, sofreu um grave acidente e faleceu aos 43 anos. Desde então, o casal sofreu mais esta perda e nunca se recuperou da dor. Miriam viu sua família inteira morrer na guerra, seu filho e posteriormente seu marido em 2015. Aguentou calada, mas nunca deixou de cuidar do restante da família. Foi uma mãe, avó, bisavó e esposa exemplar.

Escreveu um livro de memórias: "Relato de uma Vida" e seus depoimentos podem ser vistos em vídeos na Internet.

Faleceu em 18 de novembro de 2018 aos 86 anos, por falência múltipla dos órgãos. Foi enterrada no Cemitério Israelita do Butantã.

Deixa apenas uma filha, Edith, genro, nora, 4 netos e bisnetos. E deixa uma enorme lição de vida, coragem, amor e determinação. Lutou bravamente até seu último dia de vida e, segundo todos que a conheceram, era uma guerreira.

Pelo exposto, Peço aos Nobres Pares a aprovação desta propositura.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 15/03/2019, p. 95

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.